

QUAL A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS PUBLICAÇÕES DO JORNAL OF DENTAL RESEARCH?

LETICIA REGINA MORELLO SARTORI¹; LARISSA TAVARES HENZEL²
LUIZ ALEXANDRE CHISINI³; LUISA CORRÊA DE OLIVEIRA⁴; MARCOS
BRITTO CORRÊA⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – letysartori27@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – larihenzel123@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – alexandrechisini@gmail.com

⁴ Universidade Católica de Pelotas – luisacorreadeoliveira@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – marcosbrittocorrea@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A discriminação voltada ao gênero é visível em vários setores da sociedade. Os papéis de gênero ainda hoje, são bem definidos e colaboram para um cenário de exclusão e de preconceito (WEBSTER ET AL, 2016). Roupas, modos de agir, forma de falar e pensar são diferentes e isso muitas vezes colabora para que alguns afazeres sejam tidos como femininos ou masculinos. Nas últimas décadas, movimentos sociais como o movimento feminista se ocupou em quebrar com esses estereótipos, afirmando o papel da mulher na sociedade não apenas como responsável por atividades domésticas e cuidado da família, mas como passível de atividade de criação, desenvolvimento, ensino e pesquisa (OVSEIKO ET AL, 2017).

A publicação feminina no meio científico tem aumentado, e a busca por equidade neste meio também (WEBSTER ET AL, 2016). Segundo estimativas, cerca de 48% dos estudantes de medicina nos Estados Unidos (WEBSTER ET AL, 2016). Na Europa, a quantidade de mulheres na saúde beira os 50% (KUHLMANN ET AL, 2017). Porém, a tendência observada é uma diminuição do número de mulheres conforme os cargos se tornem mais importantes, mesmo em áreas que tem o gênero feminino como majoritário (WEBSTER ET AL, 2016). Além disso, em países que possuem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo e altos índices de violência e discriminação, a participação da mulher tende a ser menor ainda (MULLINAX ET AL, 2013). Vários fatores podem explicar isso, desde responsabilidades familiares e dupla jornada acumulada, maternidade e falta de oportunidades após esta, falta de desejo e falta de orientação acadêmica (WEBSTER ET AL, 2016; TOMER ET AL, 2015). Associado a todos esses fatores, ainda se encontra a questão das mulheres terem diferenças salariais e menores chances de serem promovidas (TOMER ET AL, 2015; KUHLMANN ET AL, 2017). No meio odontológico, apesar do número de mulheres ser praticamente paritário aos homens, situações de discriminação também são relatadas (TIWANA ET AL, 2014).

Apesar dos avanços na área científica, ainda são necessários incentivos para que as mulheres assumam a frente de linhas de pesquisa principalmente em países em que a liderança feminina ainda é desestimulada (OVSEIKO ET AL, 2017). Desta forma, o objetivo deste estudo foi identificar o gênero dos autores de publicações científicas do ano de 2016 da revista *Journal of Dental Research* e sua relação com questões de gênero e preconceito.

2. METODOLOGIA

Uma busca pelos trabalhos publicados no *Journal of Dental Research* foi realizada na base de dados PubMed, na modalidade de busca avançada. Foram considerados apenas artigos com data de publicação entre 1º de janeiro até 31 de dezembro de 2016. Os artigos publicados como E-Pub em 2016, porém que tiveram suas versões impressas publicadas em 2017 e 2015 não foram incluídos na busca. Da mesma forma cartas ao editor e respostas às cartas não foram incluídas neste estudo. O estudo foi conduzido até durante o período de junho a setembro de 2017.

A extração de dados foi realizada por duas revisoras independentes (LRMS LTH). Os dados investigados foram os seguintes: gênero dos(as) pesquisadores(as), país de origem dos(as) pesquisadores(as) e o tipo de estudo. Quando o estudo apresentou mais de 10 autores, foram considerados apenas os 10 primeiros e o último autor. A busca pelo gênero dos pesquisadores foi realizada através de buscas feitas pelo nome do autor na base PubMed e Scopus, sites de revistas que publicaram os artigos selecionados, ResearchGate e sites de instituições em que os autores são filiados. Além disso, sites especializados em gênero de nomes (<https://api.genderize.io/?name=>) foram utilizados. A classificação do tipo de estudo foi realizada com base em leitura de resumos e metodologias dos artigos. Os trabalhos foram classificados em revisões de literatura, estudos clínicos, estudos epidemiológicos e estudos laboratoriais. Todos os dados foram tabulados em planilha do Software Excel 2013 e exportadas para o programa Stata 12.0, onde foi realizada uma análise descritiva dos dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a seleção dos artigos, obteve-se 188 trabalhos publicados pela revista *Journal of Dental Research* no ano de 2016. Em relação aos continentes de origem, a América do Norte obteve o maior número de primeiros e últimos autores. Cerca de 53% dos primeiros autores dos artigos publicados foram do sexo masculino. O continente asiático teve uma distribuição de primeira e última autoria de homens quase 50% maior que de mulheres. Na análise, observou-se que apenas na América do Sul e na Europa o número de mulheres foi superior ao número de homens, considerando o primeiro autor. Considerando apenas o último autor, observamos uma maior prevalência do gênero masculino (62,9%), com ressalvas à América do Sul, onde a diferença foi de um artigo a mais para o sexo masculino. Desta forma, observa-se que independente da ordem de autoria, pesquisadores do sexo masculino foram sempre mais prevalentes que mulheres.

Em países desenvolvidos ocorre uma relativa igualdade em relação aos sexos, principalmente por políticas estatais que poderiam estimular a autonomia da mulher, assim como possuir altos investimentos em pesquisa (KUHLMANN ET AL, 2017). Um ensaio realizado no Canadá com mulheres que seguiram carreira em cirurgia, observou que a discriminação de gênero é comum na carreira e no meio acadêmico, o que dificulta a participação das mulheres e interfere no seu desenvolvimento profissional e, mais que isso, afeta questões como promoção no trabalho e salário (WEBNER ET AL, 2016; TOMER ET AL, 2015). Além disso, os episódios de sexismo são mais frequentes na academia que em cenários de atividade hospitalar, por exemplo (KUHLMANN ET AL, 2017). Devido a isso, países Europeus têm aplicado a *Athena SWAN Charter for Women in Science* (2000), carta que foi desenvolvida com o propósito de promover a igualdade de gênero em pesquisas e meio acadêmico. Estudos que abordaram questões de

igualdade de gênero em uma Universidade do Reino Unido, envolvida com esta carta, observaram que as instituições europeias que a utilizam têm um impacto positivo quanto aos assuntos de gênero (OVSEIKO ET AL, 2017; CAFREY ET AL, 2016). Porém, como consideram os autores, são necessários maiores esforços da sociedade para ocorrerem mudanças sociais (OVSEIKO ET AL, 2017).

Em países que historicamente sofrem com episódios de violência intensa, problemas socioeconômicos e baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), uma maior discrepância pode ser observada, sempre com piores resultados para as mulheres. Quando se investiga a participação das mulheres na ciência em relação ao tipo de estudo, observamos uma predominância das mulheres como primeiras autoras (58,2%) nos estudos laboratoriais. No entanto, ainda em relação a primeira autoria, observa-se uma grande prevalência de homens em estudos epidemiológicos (77,3%) e revisões de literatura (60,5%). Nos ensaios clínicos os resultados foram muito semelhantes, com a porcentagem de homens (53,3%) e mulheres (46,7%) muito próximas. Por outro lado, mulheres foram as últimas autoras de 45,5% dos estudos epidemiológicos, sendo esta a melhor proporção de mulheres como últimas autoras.

Estes resultados se tornam importantes no momento em que grande parte dos estudos que geram um grande nível de evidência não tem como primeiras autoras mulheres, o que pode impactar diretamente sobre suas publicações e seus currículos, além de afetar salários e questões de promoção e contratação dentro de academias e outros ambientes (TOMER ET AL, 2015). Além disso, segundo OVSEIKO ET AL (2016) as mulheres, independente de sua nacionalidade, tendem a receber menos reconhecimento em pesquisas, estão presentes nos estudos, mas não como primeiras autoras e têm dificuldade de conseguir linhas de financiamento, o que interfere diretamente sobre a linha de pesquisa e o tipo de estudo a ser desenvolvido. Essa sub-representação das mulheres na ciência leva a um viés de gênero no desenvolvimento de pesquisas e conhecimentos, geralmente resultando em trabalhos maiores e com maior nível de evidência sendo atribuídos aos homens.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo observou que a maior parte dos autores que publicaram no *Journal Of Dental Research* em 2016 era do gênero masculino, independentemente da ordem de autoria. Além disso, quando consideramos apenas o último autor, observamos uma maior discrepância favorecendo o gênero masculino e ressaltando o sexismo também na pesquisa odontológica. Uma importante diferença foi observada entre os locais nas quais as pesquisas foram realizadas. Desta forma, são necessários maiores incentivos para que mulheres adentrem na ciência, em áreas de estudo diversificadas. Uma mudança cultural por parte da sociedade é imprescindível com políticas que proponham equidade principalmente em países que possuem altos índices de violência contra mulher e de sexismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WEBSTER, F.; RICE, K.; CHRISTIAN, J.; SEEMANN, N.; BAXTER, N.; MOULTON, C.A.; CIL, T. The erasure of gender in academic surgery: a qualitative study. **American Journal of Surgery**, v.212, n.4, p. 559-565, 2016.

OVSEIKO, P.V.; CHAPPLE, A.; EDMUNDS, L.D.; ZIEBLAND, S. Advancing gender equality through the Athena SWAN Charter for Women in Science: an exploratory study of women's and men's perceptions. **Health Research Policy and Systems**, v.15, n.12, p.2-13, 2017.

KUHLMANN, E.; OVSEIKO, P.V.; KURMEYER, C.; GUTIERREZ-LOBOS, K.; STEINBOCK, S.; VON KNORRING, M.; BUCHAN, A.M.; BROMMELS, M. Closing the gender leadership gap: a multi-centre cross-country comparison of women in management and leadership in academic health centres in the European Union. **Human Resources for Health**, v.15, n.1, p.2, 2017.

MULLINAX, M.; HIGGINS, J.; WAGMAN, J.; NAKYANJO, N.; KIGOZI, G.; SERWADDA, D.; WAWER, M.; GRAY, R.; NALUGODA, F. Community understandings of and responses to gender equality and empowerment in Rakai, Uganda. **Global Public Health**, v.8, n.4, p.465-78, 2013.

TOMER, G.; XANTHAKOS, S.; KIM, S.; RAO, M.; BOOK, L.; LITMAN, H.J.; FISHMAN, L.N. Perceptions of gender equality in work-life balance, salary, promotion, and harassment: results of the NASPGHAN task force survey. **Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition**, v.60, n.4, p.481-485, 2015.

TIWANA, K.K.; KUTCHER, M.J.; PHILLIPS, C.; STEIN, M.; OLIVER, J. Gender issues in clinical dental education. **Journal of Dental Education**, v.78, n.3, p. 401-10, 2014.

CAFFREY, L.; WYATT, D.; FUDGE, N.; MATTINGLEY, H.; WILLIAMSON, C.; MCKEVITT, C.; Gender equity programmes in academic medicine: a realist evaluation approach to Athena SWAN processes, **BMJ Open**, v.6, n.9, p. e012090, 2016.

OVSEIKO, P.V.; ET AL. A global call for action to include gender in research impact assessment. **Health Research Policy and Systems**, v.14, n.1, p.50, 2016.